

Nossas Histórias - Projeto “Atreva-te a Confiar” Instituto Cordilheira 2024

Nossas Histórias - Atreva-te a Confiar!

“Segura sua mão na minha, para fazermos juntas
o que eu não posso fazer sozinha”
Lira Alli

“Etimologicamente, confiar (con | fidare) significa simplesmente acreditar no outro, o que por si só já é interessante, pois nos tira de um estado de medo constante de que o outro esteja contra nós. Mas talvez a confiança seja mais do que isso: confiar não seria fiar junto do outro? Se a etimologia é pouco, partimos para a poesia. Confiar é tecer, é acreditar na possibilidade de encontrar o cruzamento onde nossas linhas se fortalecem em nós, entre nós.” (Razão Inadequada, “Confiança”)

Como um fio que articula diferentes pontos, o projeto Atreva-te a Confiar surge, desde a parceria entre a Both Ends e o Instituto Cordilheira, como uma ferramenta de fortalecimento das lutas de mulheres defensoras de territórios no Brasil. Nossa proposta teve por base tecer laços de confiança junto a coletividades que constroem cotidianamente enfrentamentos e resistências ao patriarcado, aos racismos, aos megaprojetos do chamado “desenvolvimento” e a tudo aquilo que busca destruir nossos territórios de vida.

Dessa forma, organizamos o projeto nos seguintes eixos: 1 - Apoio a coletividades de mulheres defensoras de territórios; 2 - Ações Emergenciais; 3 - Apoio a mulheres defensoras endividadas; 4 - Fortalecimento Institucional IC e gestão do projeto. Para cada um desses eixos contaremos abaixo algumas histórias, construídas coletivamente, com o apoio dessa iniciativa. O valor total das doações foi de R\$ 87.550,00.

Os diálogos, registros e sistematizações foram construídos com o apoio de Rafaela Dornelas e Bruna Almeida, do Coletivo Ima Iná, de pesquisa, educação e comunicação em temáticas antirracistas e socioambientais. Nossa metodologia de construção desse documento teve por base uma etapa de diálogos com as coletividades envolvidas no projeto, sobre as orientações para os relatos. Após realizadas as atividades, cada representante nos enviou em formato de áudio ou texto, junto de fotos e vídeos. A maior

parte das coletividades nos enviou também a resposta para a pergunta *“O que é Confiança pra vocês? Qual a importância das parcerias e dos laços de confiança no cotidiano de seu grupo?”*.

A partir dessas histórias sobre a execução de cada subprojeto, sistematizamos as informações e construímos esse relato, que busca, além de um registro sensível do processo, uma forma de contar um pouco mais das histórias de mulheres que são sementes de transformações necessárias ao mundo capitalista, patriarcal e racista em que vivemos.

1 - Apoio a coletividades de mulheres defensoras de territórios

O apoio aos grupos de mulheres defensoras do território foi o eixo que buscou o fortalecimento das mulheres, das organizações e a realização de atividades durante o mês de maio de 2024. Para isso, utilizamos dois métodos: a indicação de alguns grupos que acompanhamos e que têm grandes demandas de fortalecimento; e a construção de um edital simplificado e divulgado entre redes e organizações que constroem e/ou acompanham, historicamente, as resistências de mulheres no Brasil. No total, foram 15 iniciativas contempladas.

Encontro da Rede Latino Americana de Mulheres Defensoras e Direitos Sociais e Ambientais

A voz que nos conta essa história é de Carolina Moura. A história da Carol e do Instituto Cordilheira com a rede latino-americana de Mulheres Defensoras de Direitos Sociais e Ambientais é longa e bonita. Começou no encontro do Observatório de Conflitos de Mineração da América Latina (OCMAL) em 2018, que aconteceu em Brumadinho, um mês antes do rompimento da barragem do Córrego do Feijão. Nesse encontro foi feita uma roda de intercâmbio entre mulheres de vários países da América Latina. Desde ali começaram a acompanhar, com maior proximidade, essa rede de mulheres.

Nas palavras de Carol *“Eu tinha explicitado o desejo de ser parte da rede, mas elas têm todo um processo interno de relações de confiança e de cuidado, e nós ficamos anos como entidade amiga da rede, mas não sendo oficialmente membro. E na ocasião, em El Salvador, foi a minha primeira participação numa reunião da rede, na qual a nossa presença, do Instituto Cordilheira, foi aprovada, na coordenação política da rede. Eu estava muito feliz e emocionada, estava lotado de mulheres incríveis, porque, dois dias antes, havia acontecido um encontro só da região Centro-América, então muitas mulheres da*

Nicarágua e El Salvador, estavam muito fortes, com o encontro de um projeto delas, a Escolinha Climática Feminista.”

Foram muitos os relatos das mulheres da Nicarágua sobre as dificuldades no território. Quando elas saem para uma reunião, não sabem se vão conseguir entrar de novo nas comunidades, deixando os filhos com medo sobre suas voltas. Os relatos mostram a intensa pressão na vida das mulheres defensoras. Além disso, há uma grande dificuldade de acessar recursos. Carol sentiu também em seu corpo território essas dores e pensou em contribuir com seu próprio dinheiro, mas lembrou-se que o recurso do projeto tinha acabado de chegar, consultou a secretaria operativa da rede, que sinalizou positivamente para que aquele fosse, de uma forma muito orgânica e fértil, a primeira doação do projeto, que leva em seu nome a importância das redes de confiança e solidariedade.



Ato 8M em Belo Horizonte

A voz que nos conta essa história é de Renata Regina, militante feminista há mais de 20 anos na cidade de Belo Horizonte, doula, jornalista e mãe solo. Constoi o 8M unificado desde o seu surgimento na cidade de Belo Horizonte e participa da construção do ato desde 2006. Atualmente é uma das organizadoras com várias outras mulheres deste momento importante e internacional da luta das mulheres. Todos os anos fazem esse processo de construção coletiva, com muitos braços e muitas mãos. Essa é uma das principais agendas feministas da cidade.

Existe todo um trabalho de preparação, com reuniões que começam em dezembro e culminam no ato. Ao longo de todo esse processo, para realizar essas atividades descentralizadas, para conseguir garantir a presença mais ampla das mulheres no ato e maior diversidade, existe uma série de custos, seja para deslocamento, para infraestrutura do ato, que esse ano, por exemplo, contou com carro de som. Algumas coisas foram garantidas via poder público, como banheiros químicos e a água (apoio sempre muito limitado). Contaram com uma pessoa mais profissionalizada na comunicação e que teve um resultado importante na mobilização, impressão de panfletos, que foram distribuídos ao longo do ato, como forma de mobilização. Foram distribuídos também adesivos ao longo do carnaval, numa campanha de enfrentamento ao assédio, que aumenta expressivamente nessa época e isso também tem custo.

Os recursos recebidos foram dos volumes mais expressivos de doação que a mobilização recebeu de uma única organização. Entre outras coisas, o recurso garantiu o material para fazer faixas, e materiais para a construção de homenagens a mulheres que estiveram ao longo da vida na luta, mas hoje não estão mais. A maioria delas porque foram assassinadas, nesse mundo machista e patriarcal. Outra garantia fundamental foi o custo do aluguel do carro de som. Nas palavras de Renata *“o mais relevante que a gente teve esse ano e é algo que a gente preza sempre, historicamente na construção do 8 de Março é a ampla diversidade e conseguimos garantir, seja num aspecto de corpos diferentes, como a população LBT, se fez muito presente, mas esse ano foi numa dinâmica diferente e teve um protagonismo maior, as mulheres das religiões de matriz africanas, evangélicas, católicas, que apoiam a luta feminista e que são feministas, eu senti uma participação mais intensa nesse ano.”*

Durante o ato também aconteceu uma ação de protesto contra o habeas corpus de Fábio Schvasrtsman, que era o CEO da empresa Vale quando do rompimento da barragem do Córrego do Feijão em Brumadinho. Carolina de Moura nos conta: *“Foi uma ação ativista, da linha do escracho, que é dar nome e cara para quem é responsável pela violação. Ele era o presidente na época do rompimento da barragem, teve falas horríveis, não se levantou quando fizeram um minuto de silêncio pelas vítimas, falou que a Vale não podia ser condenada porque era uma joia brasileira, e até por isso a associação dos familiares das vítimas se apropriou dessa fala da joia e chamamos as vítimas de joias, 272 joias. Ele era o cabeça de uma governança irresponsável, corrupta e negligente. Foi interessante porque comecei a falar no microfone (no ato) e o banner com o rosto dele abriu e ficou aquela coisa esquisita a cara de um homem branco, daí explicamos quem ele era e veio uma pernaleta com um spray e escreveu ‘assassino’ na cara dele (no banner).”*



Comitê Indígena Mineiro

Criado em 2012, o comitê indígena mineiro é uma organização indígena descentralizada que atua no apoio aos povos indígenas desterritorializados na cidade de Belo Horizonte em trânsito e em apoio às retomadas na RMBH.

Quem nos conta essa história é Avelin Buniacá Kambiwá dizendo que o apoio chegou em boa hora, justamente no mês de abril, período importante de luta e mobilização dos povos indígenas no Brasil.

O recurso do projeto deu suporte às ações da Expo Abya Yala. Conseguiram comprar toda a alimentação para os dias de feira, pagaram transporte da ida e da vinda de parentes (forma que as comunidades indígenas se referem às pessoas de seus povos) que moram na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Garantiram também a participação de algumas mulheres que estiveram em outras edições da exposição. Deram prioridade à Expo Abya Yala, mas o recurso também apoiou na participação no Acampamento Terra Livre 2024.

Nas palavras de Avelin: *“Então essas foram as ações e esse apoio ele nos trouxe a garantia de conseguir fazer o abril indígena em Belo Horizonte, porque esse mês que marca o mês de luta e resistência dos povos indígenas para povos indígenas desterritorializados como nós, que não tem nenhum apoio público ou se quer estatal, municipal ou até mesmo da dos órgãos indigenistas, foi uma forma de sinalizar para nós que, nós não estamos sós nessa missão coletiva, né, como diz os espiritualistas, nesse darma coletivo, de cuidar da Mãe*

Terra, então esse momento da chegada do “Atreva-te Confiar” foi uma benção de Tupã.”

Quando perguntamos a Avelin sobre a confiança, escutamos assim: “A confiança é a moeda que se paga sem pedir nada em troca. Assim é o amor, também né! O amor é aquele que a gente dá sem querer receber nada em troca. A confiança é essa moeda sagrada, que se assemelha muito ao aspecto do amor, dentro do nosso coletivo, nós não temos CNPJ e nós confiamos uns nos outros. Eu, enquanto coordenadora fundadora do Comitê Indígena Mineiro, fiz toda a gestão do recurso. Todos, todas e todes, souberam onde foram aplicados. Não foi necessário que a gente rendesse muito explicações, porque a prática da confiança é como a prática do amor, ele vai sendo construído no dia a dia.”



CSA Gandarela

O Movimento Artístico, Cultural e Ambiental de Caeté-MACACA, junto a chamada do Fundo Casa Socioambiental, propôs construir uma CSA – Comunidade Sustentada pela Agricultura, visando promover à soberania alimentar e a geração de renda, fortalecendo a

resistência em um território ameaçado pela mineração, com o objetivo de apoiar a permanência da população rural destas localidades; e conscientizar a população da importância da preservação da Serra do Gandarela. Nasce em março de 2023 a CSA Gandarela oferecendo cestas de 6 e 10 itens com produtos agroecológicos, entregas semanal ou quinzenal, mediante mensalidade paga pelos coagricultores. A CSA Gandarela conta com gestão voluntária de cinco mulheres, um agricultor de André do Mato Dentro (Santa Bárbara) e um casal de agricultores de Antônio dos Santos (Caeté), vinte coagricultores e comercialização no Mercado Amigo, de produtos diversos oriundos de sete famílias, gerando renda e fortalecendo a produção familiar e a comunidade rural.

Essa história nos é contada por Ana Cláudia. De início, o coletivo realizou diálogos com agricultores e coagricultores, já participantes da CSA Gandarela, sobre a realização de uma Feira. Após criar a identidade visual da proposta, traçar o plano de ação, elaboraram release e artes das peças de divulgação. Assim foi-se formando a 1ª Feira de Vivência e Diálogos de Saberes sobre PANCs e Alimentos Agroecológicos!

A Feira aconteceu no dia 1 de maio de 2024, de 10 às 17 horas na Rua Roma s/n, esquina com Rua Berlim, Bairro Europeu em Caeté/MG, com objetivo principal de apresentar e propagar a ideia da CSA Gandarela e assim alcançar maior engajamento da população e aumentar o número de adesões de coagricultores (as). A Feira foi um sucesso, que pode ser medido tanto com a presença de interessados na feira, como acompanhando o número de acessos nas redes sociais da CSA Gandarela e mensagens enviadas buscando informações, o que indica que o objetivo está sendo alcançado.

A viabilização da Feira neste momento só foi possível com o apoio financeiro desta chamada e a união de muitos, em torno de objetivos comuns e assim, apresentar, fortalecer e conquistar o engajamento de mais pessoas a CSA Gandarela.

E sobre a confiança, o que nos diz a Ana Cláudia? *“Gosto de saber o significado das expressões através de sua etimologia, buscar o ‘rabo da palavra’, que complementa para mim, o sentido integral. A palavra confiança tem origem no latim confidere, que significa “acreditar plenamente, com firmeza”. O sufixo “fidere” significa fé, confiar é acreditar que é possível, e mesmo que dificuldades apareçam pelo caminho, manter a confiança, persistir e buscar gerenciar as crises de modo eficaz faz toda diferença para alcançar os objetivos propostos e obter sucesso em um projeto. As parcerias e laços de confiança foram e são fundamentais, desde a construção da CSA até o momento, contando com uma “Gestão*

Voluntária e Colaborativa” que envolve agricultores e coagricultores é que seguimos esperando e acreditando no fortalecimento da CSA Gandarela. O apoio destas parcerias possibilitou aos participantes da CSA Gandarela, oferecer algumas atividades durante toda programação da Feira. Espaço Saúde com Oficina de Autocuidado e aplicação de Reiki e bate papo sobre Saúde Bucal; Espaço Kids com brincadeiras lúdicas com a criançada; Oficinas Culinárias de Biomassa de Banana Verde e de Comida Vegetariana com utilização de Pancs (Plantas comestíveis não convencionais); Apresentação Musical com artista local; Entrega das cestas aos coagricultores com alimentos agroecológicos; Exposição e comercialização de produtos do Mercadinho Amigo (mel, própolis, temperos, quitandas, livros e artesanatos). Além da facilitação de acesso aos agricultores e a alimentos saudáveis e produzidos com a técnica de agrofloresta.”

Registro Fotográfico



Miradas de afeto

Anna Göbel tem quarenta anos de atuação como artista plástica, autora e ilustradora. Na

última década se dedica intensamente ao trabalho mural junto às comunidades com seu projeto #miradasdeafeto. O objetivo do projeto foi de revitalização, junto da comunidade, do mural pintado 3 anos atrás.

Nas palavras de Anna: *“Resignificar o mural “Nós Mulheres somos Água” no momento em que o estado do Rio Grande do Sul sofria as enchentes foi muito significativo. Incorporar ao mural a aplicação de 272 estrelas pelos familiares das vítimas do rompimento da barragem como símbolo de resistência e memória foi extremamente tocante e deixou um legado para a cidade numa via de intenso fluxo de carros. Nossa equipe foi formada por Thompsom e Cynthia, que se lançaram com confiança para os 36 metros lineares em pleno sol e a entrega se fez quase ao entardecer, com laço de fita e cantoria! Com o apoio do edital ‘Atreva-te a confiar’ foi possível deixar a marca da arte numa cidade tão cinza e sofrida. Gratidão!”*

Sobre a Confiança, Anna diz: *“Confiança para mim é a base de relações humanas saudáveis. Confiança nas próprias capacidades de aprendizagem e as do outro são para mim o motor para nos impulsionar ao futuro com seus desafios. Con Fiar juntos. Fiar juntos um tecido vital onde a cooperação é o tom maior.”*



Ima Iná

O coletivo Ima Iná surge em 2019, no contexto dos avanços do fascismo e do racismo no Brasil, principalmente a partir das eleições de 2018. Os debates e ações ligados às lutas antirracistas e à luta por justiça ambiental inspiram, num primeiro momento, a organização de pessoas negras que constroem os ambientalismo no Brasil. Com o passar do tempo, as

ações e debates ligados à luta antirracista, de forma mais ampla, ganharam espaço e novos campos, como a integração da luta antirracista na América Latina, as infâncias e juventudes negras nas periferias e a comunicação antirracista. Dessa forma, nos constituímos hoje como um coletivo de pesquisa, educação e comunicação popular em temáticas antirracistas e/ou socioambientais. O coletivo é composto de pessoas autodeclaradas negras. As ações de Ima Iná são voltadas para processos de intercâmbios de saberes e práticas, oficinas, grupos de estudos, processos de sistematização, educação e comunicação popular.

Rafa Dornelas nos conta essa história. A proposta teve por objetivo a realização do planejamento geral e o plano de captação de recursos do coletivo. De forma virtual, realizaram os encontros e diálogos, tanto entre o coletivo, quanto com parceiros com os quais queriam convergir no planejamento. Como resultado dessa etapa, começou o processo de construção da identidade visual do coletivo, com previsão de conclusão até o final de junho. No próximo encontro vão consolidar os eixos temáticos. Após esse período, divulgarão a nova identidade e atualizarão a página do instagram.

Além desse passo importante para Ima Iná, após o planejamento, organizaram diálogos a partir da viagem já planejada de uma das integrantes, junto a um colaborador do coletivo, ao Chile. Estão agora em uma temporada de intercâmbios com coletividades antirracistas e/ou socioambientais no país, ações possibilitadas também pelo apoio do edital à organização prévia via planejamento geral. Realizaram duas ações maiores: o debate “Lutas antipatriarcais e antirracistas desde Abya Yala ao Curdistão” e a exibição do documentário “Ilusão de Abundância”, sobre mulheres defensoras dos territórios. Destacamos também a aquisição de um HD externo para o coletivo, em que guardaremos nossos arquivos de forma completa e segura.

Nas palavras de Rafa: *“Esse foi nosso primeiro apoio com recursos. Posso partir daí pra falar sobre confiança. Seja como um ato de acreditar nas outras, seja um ato de tecer juntas. Ima Iná surge também como aquilombamento. Todas em momento de sobrecarga e buscando sonhar juntas, criar laços de confiança. O apoio com recursos, para nós, além de um reforço concreto para o nosso trabalho, foi um ato de confiança e reconhecimento. Foi a possibilidade de uma brecha nas sobrecargas para a dedicação ao nosso coletivo. As sementes já florescem e seguiremos cultivando esse laço, Con Fiando no e com o Cordilheira. Axé!”*



Grupo de Crochê e Bordado

O grupo de crochê e bordado do Assentamento Pastorinhas fica no povoado de Tejuco, em Brumadinho. É um grupo de mulheres que se reúnem às quartas-feiras para fazer crochês e bordados. Nos territórios, os grupos de mulheres, formais ou informais, são espaços geradores de vida, de encontro entre mulheres que se fortalecem e tecem juntas suas histórias.

Com o apoio do projeto, conseguiram comprar materiais para as produções e se organizarem para a manutenção e melhoria dos encontros. Nas palavras de Selma Gonçalves: *“Formamos um grupo de crochê e bordado, está sendo muito bom nos encontrarmos para aprender umas com as outras. Está sendo muito importante esse apoio que esse projeto nos proporciona”*.

Sobre a confiança, Selma diz: *“Confiança é vocês está do nosso lado sem nos conhecer e nos apoiar. Nosso grupo somos todas transparente umas com as outras, isso também é confiar.”*



Associação de Mulheres Sementes da Terra

A Associação de mulheres Sementes da Terra é um grupo formado por mulheres do Assentamento Rural Francisco Romão e por mulheres de assentamentos vizinhos que se articularam coletivamente em 2019 para reivindicarem políticas públicas para a área rural de Açailândia, para discutirem sobre os problemas de suas comunidades e para fortalecerem as lideranças femininas das comunidades. O CNPJ da Associação foi criado esse ano. O grupo realiza intercâmbios entre mulheres, formações políticas, atividades culturais e

participação em eventos. Nos últimos anos, com apoio de organizações e amigos conseguiram criar um espaço físico para a realização dessas atividades e para servir de apoio à comunidade. O Espaço se chama Casa Semente da Terra.

Na realização do projeto, fizeram algumas ações que o coletivo considerou prioridade neste momento, com destaque para a manutenção do espaço onde são realizadas as atividades com as mulheres. Assim, poderão oferecer um pouco mais de conforto às mulheres que frequentam esse espaço. Fizeram ainda rodas de conversa entre as mulheres, promovendo o fortalecimento comunitário, assim como celebrando datas comemorativas do mês de maio.

Nas palavras de Alzeneide Prates: *“Para o coletivo de mulheres, esse apoio significou muito, pois, os trabalhos desenvolvidos nessa associação que acolhe mulheres de uma região onde é composta por cinco assentamentos conquistados pela reforma agrária e um acampamento, situados no município de Açailândia-Ma. Esse apoio veio para fortalecer as ações que já são realizadas com o coletivo e oportunizar outras ações que o coletivo já vinha planejando, como por exemplo: comprar material pedagógico para iniciarmos um processo de alfabetização com algumas dessas mulheres que não são alfabetizadas.”*

Contribuindo em nossa grande roda sobre a confiança, Alzeneide partilha: *“Confiança, é ter fé, acreditando que com as ações realizadas com sinceridade, respeito, lealdade, compromisso, responsabilidade e amor faz toda a diferença. Valorizando sempre o conhecimento das outras pessoas. As parcerias são de fundamental importância, pois, é por meio dessas parcerias que o coletivo vem crescendo e desenvolvendo atividades de fortalecimento comunitário das mulheres dessa região. Os laços de confiança são construídos um dia após o outro com respeito, compromisso, diálogo, conscientização e muita luta cotidiana.”*



Coletivo Pé de Quê

A proposta do Coletivo *Pé de Quê* teve por objetivo o fortalecimento do VIII Balaio de Saberes. O Balaio de Saberes, que já caminha rumo a sua 8ª edição, se constrói enquanto espaço político do pensar e fazer agroecológicos, um encontro que mostra que é possível e necessário trilhar juntos um novo rumo para questões que regem nossa vida em sociedade. Um espaço que se fortaleceu diante da necessidade da partilha de saberes, experiências e práticas, da inspiração para o sonhar, planejar e realizar conjunto, e da vontade de festejar todas as conquistas alcançadas nesta caminhada. O Balaio acontece em Florestal - MG.

Quem nos conta sobre essa iniciativa são Fernanda e Krishna, integrantes do coletivo. Elas destacam que as atividades seguirão até a realização do Balaio, que será entre os dias 15 e 18 de julho. As ações referem-se à construção do VIII Balaio de Saberes, principalmente no que se refere à mobilização e articulação junto às mulheres moradoras do município de Florestal/MG, localizadas nas zonas rurais e na cidade. Em parceria com o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS fizemos visitas às zonas rurais e realizamos rodas de conversas sobre os saberes tradicionais, o cozinhar, as receitas, os costumes, os alimentos e o fazer juntas.

No relato, as companheiras nos contam: *“Nossa construção iniciou-se em maio de 2024 e se estenderá até julho de 2024. Na semana do dia 15 ao dia 18 de julho estaremos juntas cozinhando para servir no dia 18 de julho de 2024 o grande banquete popular agroecológico, contendo a produção local e um apanhado de receitas elencadas por estas mulheres, servido por muitas mãos. Este apoio nos possibilita e nos possibilitará visitar as zonas rurais, conversar com as mulheres, realizar nosso cronograma de mobilização e articulação, fazer as compras dos insumos agroecológicos, fomentar um ciclo de oficinas de feitura do banquete e apoiar a elaboração de uma cartilha das receitas dos banquetes. Buscamos evidenciar e ampliar o diálogo da produção agroecológica no município, as famílias agricultoras, as mulheres e as cozinhas”.*

Sobre a confiança, assim nos disseram: *“Confiança é acreditar no nosso potencial de realizar, é valorizar nosso caminho, nossas pessoas e nossas ações. Segurança, certeza, intimidade, tecer o fio juntas! Este ano nosso tema é Terra e Território - Balaio de Saberes: Agroecologia em Defesa do Território. Nossas parcerias estão sendo muito importantes. Estamos em parceria com a UFV-Campus Florestal, Prefeitura Municipal, Associação Florestalense de Agroecologia - AFLORA, CRAS, NACAB, Iza Terra, Pé de Quê, e Grupo Balaio de Agroecologia. E dentro do nosso grupo viemos construindo nossas relações, laços e ações com respeito, escuta atenta e tomadas de decisões, a partir de metodologias participativas, sonhando juntas, planejando, realizando e celebrando! Nos organizamos em*

frentes de trabalho (comissões) para realização e bom funcionamento de toda estrutura do encontro”.



Coletivo Por Nós

Desde sua fundação, em 2019, a Por Nós se articula dentro das agendas pelo desencarceramento e a luta antiproibicionista, pensando e construindo direitos das pessoas sobreviventes do cárcere, afetadas pela guerra às drogas, populações marginalizadas e de periferia, atravessadas pelo racismo e que são alvo das políticas de encarceramento em massa do Estado. Atualmente o coletivo interage, atua e desenvolve ações com mulheres que ainda estão dentro do sistema carcerário em cumprimento de pena, através das ações nas saídas temporárias em unidades de regime semiaberto na cidade de São Paulo, por meio da correspondência através de carta com essas pessoas; também como jovens e adolescentes de unidades da Fundação Casa com regime socioeducativo da grande São Paulo.

O Por Nós promove ações e debates para o acolhimento de mulheres no cárcere e sobreviventes do cárcere, dentre elas, a saída temporária. A ação de “saidinha” ocorre quatro vezes por ano e os recursos da “Por Nós” advêm principalmente de doações e rifas. A próxima “saidinha” será no dia 11 de junho, então a ação seguirá mesmo após a

conclusão do projeto, que abarcou a preparação para a atividade.

Nas palavras de Flávia Saiani, integrante do coletivo: *“O recurso do edital nos deu tranquilidade para repensar algumas estratégias e organizar melhor a ação, inclusive em um momento tão turbulento, com a votação do fim das saidinhas, e não precisar ter a preocupação de captar recursos para a saidinha. Além disso, muitos insumos e bens duráveis que facilitam a ação como gazebo desmontável, mesas e cadeiras, e alimentação, já que as mulheres saem com mais de 12 horas de jejum. Outra aquisição que otimizou nossos recursos foi a assinatura de um programa de design que possibilitou que fizéssemos artes que serão usadas para camisetas, banner, folheto e cartões, além da impressão deste material e a produção de banner e bandeira para divulgação do coletivo nos eventos. Ter a posse da arte dos materiais gráficos do coletivo fará com que possamos economizar a longo prazo, já que esse trabalho em alta resolução ficará conosco.”*



Movimento pelas Serras e Águas de Santo Antônio do Itambé

O Movimento pelas Serras e Águas de Santo Antônio do Itambé surge durante o processo de conformidade municipal para a exploração de minério de ferro pela Herculano (Grupo Conemp), quando a sociedade, em peso, se mobilizava para acompanhar o processo de discussão que acontecia no Codema, Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente. Diante das irregularidades e fraudes do processo, vem a necessidade de formalizar o movimento que tinha a princípio a missão de atuar na circulação de informações importantes acerca dos processos minerários no Serro. O Movimento atua em parceria estreita com o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), que já vinha atuando com trabalho de base e conscientização das comunidades quilombolas da região sobre os perigos da mineração. Atualmente atuam na comunicação, articulação política,

mobilização de base, produção de estudos técnicos em prol do Serro Livre de mineração.

É Daniela quem nos conta essa história. O apoio do edital “Atreva-te a confiar” chegou num momento muito propício para o enfrentamento à mineração no Serro, especialmente para a Comunidade Quilombola de Queimadas, foco do conflito e das disputas pelo território.

Atualmente a comunidade vive o início do processo de construção do protocolo de consulta de Queimadas. No Serro este processo não está sendo simples, o Serro vive hoje o caso mais emblemático de apropriação da construção do protocolo de consulta por apoiadores e defensores da mineração. O problema se intensificou em janeiro deste ano, quando houve eleições para a diretoria da Associação Quilombola de Queimadas, e a chapa eleita foi a composta por apoiadores declarados da mineração, sendo o principal deles um sujeito que chegou há 2 anos na comunidade, visivelmente para fazer o trabalho sujo para a Herculano Mineração. A partir daí, uma série de conflitos e rachas começaram a acontecer na comunidade. As lideranças tiveram que se inserir no Programa de proteção aos defensores de Direitos Humanos e Ambientais de MG. Os mais diversos tipos de irregularidades e fraudes têm acontecido em torno do protocolo de consulta da comunidade.

Tendo em vista esse panorama, o Movimento pelas Águas do Serro produziu, em parceria com o MAM e com o Observatório dos Protocolos, uma cartilha bem simples que explica de forma mais acessível possível a importância da consulta e da construção do protocolo. Imprimimos 500 exemplares. Reunimos presencialmente em Queimadas uma equipe de advogados do Manuelzão e do Observatório dos Protocolos para explicar e estudar juntos o tema do protocolo de consulta, uma ação de formação de multiplicadores. Um grupo de 6 jovens militantes de Queimadas se disponibilizaram para correr as casas das 16 localidades da Comunidade de Queimadas (Córrego do Criminoso, São José das Maravilhas, Córrego Cavalcante, Córrego do Retirinho, Cabeceira de Mumbuca, Mombaça, Córrego do Baú, Córrego das Poças, Córrego da Gameleira e Floriano localizados no município do Serro e os núcleos de Botafogo, Queimadas do Itambé, Perobas e Canavial no município de Santo Antônio do Itambé) distribuindo os panfletos, conversando e explicando a importância da participação de todos nesse processo.

Nas palavras de Daniela: *“Poder produzir esse material, formar e remunerar esses jovens militantes nessa ação foi vital para estimular o trabalho, potencializar a carga horária que eles disponibilizaram e valorizar a ação desses jovens, dando um senso real (financeiro) de importância desse trabalho, atuando na autoestima do grupo e dando a eles uma esperança de que é possível viver e sobreviver trabalhando com o que a gente acredita. Assim como a formação política da juventude, a geração de renda para esses jovens é uma preocupação e uma meta constante de ação do Movimento pelas Águas em seus trabalhos e do MAM.”*

Sobre a confiança, assim nos dizem: *“Confiança e fé é o que nos faz seguir a caminhada. Confiar na vida, na nossa consciência, no nosso trabalho, nos nossos parceiros. É algo que quase não tem explicação diante de um cenário tão adverso. Uma ação como o “Atreva-te a confiar” tem esse poder de reforçar essa crença de que não estamos sós, de que quando bate um cansaço extremo e quase insuportável, algum milagre acontece, um presente, um apoio inesperado, é como a vida dizendo: vai em frente, nós estamos com vocês! Só temos a agradecer”.*



Manicoré

Manicoré é um coletivo de mulheres, homens e jovens indígenas artistas. O objetivo do coletivo é ter autonomia e o fortalecimento entre eles. Buscam promover e valorizar as artes que produzem.

Essa história nos é contada por Irene Flores. A companheira nos fala com uma mistura entre o espanhol e o português, com palavras bonitas e fortes. *“Eu sou Irene Flores, Pankarita de Coletivo Manicore. Eu queria agradecer muito toda a equipe de Cordilheira. Nos inscrevemos nos últimos dias. Eu sou muito grata com o Grande Espírito, que abençoe a toda equipe. Que Grande Espírito e Pachamama nos dê muitas bençãos, muita multiplicação e multiplique tudo a vocês, em suas caminhadas. E para nós, esse dinheiro ajudou a comprar equipamentos para os artistas, músicos, bombo, guitarra, violão e charango, que não tínhamos. E eu agradeço, em nome de todo o coletivo e estamos muito felizes pelas aquisições de todos os instrumentos e agora estamos prontos para alguns eventos, que nos possam convidar. E também às mulheres, ajudou bastante para a compra*

de miçangas, matérias-primas, linhas, agulhas e tudo isso e sementes, algumas coisas para podermos continuar a executar nosso trabalho e ter nossas autonomias. Também nos ajudou a irmos para Brasília, em 2024, no Acampamento Terra Livre, que foi um sonho realizado, conseguimos ir pela demarcação de terras e Gratidão pelas graças da Pachamama e do Grande Espírito.”

Sobre a confiança, Irene nos diz: “Para nós, confiança, é confiança de um ao outro, como a equipe do projeto Cordilheira confiou em nós, e nós que já trabalhamos com os povos originários, o coletivo Manicoré trabalha com um ajudando o outro e quando um precisa essa confiança que existe entre nós. Um luta procurando alguma ajuda, um projeto assim como Cordilheira e é a primeira vez que nosso coletivo foi beneficiado com essa confiança. E a confiança é tudo, para nós é parte do caráter das pessoas, então por confiarem no projeto nós somos muito gratos. Confiança é tudo para mim, a confiança é uma palavra e nós teremos que cumprir com essa confiança e mais que tudo, uma confiança de credibilidade para nós e que foi com todo mundo. Nem esperávamos e foi algo que Grande Espírito e Pachamama nos deram. E nessa hora nós só queremos fazer acontecer!”.



Grupo Candeia de Capoeira Angola

No ano de 2017 a Alcione Oliveira recebeu o título de Mestre de capoeira angola. Foi a primeira mulher do estado de Minas Gerais a conquistar esse título dentro dessa tradição. A Mestre Alcione Oliveira iniciou a prática da Capoeira Angola em 1992. Ao alugar e reformar

uma antiga oficina mecânica em Belo Horizonte, deu início às suas atividades do Espaço Sociocultural da Floresta (ESF). Em Março de 2019, após um ano de estruturação do Espaço Sociocultural da Floresta, nasce o Grupo Candeia de Capoeira Angola. Desde então foram 6 edições do evento *"Aidé como tá vosmecê"*, 5 aniversários do grupo e muitas outras atividades acolhendo em especial as mulheres na capoeira e em outras culturas populares como o maracatu. Além do ESF, o grupo Candeia atua no Espaço Comum Luiz Estrela e na Casa Circo Gamarra em Belo Horizonte, lugares importantíssimos para a cultura da cidade. Nesses 3 espaços acontecem aulas periódicas de capoeira angola de segunda a sexta.

Quanto à realização do projeto, Mestra Alcione nos conta em um áudio: *"Boa noite, eu estou aqui para responder as perguntas, para a gente seguir nessa construção e também passando para agradecer pela força, pelo apoio, que nesse momento, foi super importante para continuidade das atividades do meu trabalho, junto com o espaço e com o grupo. Aqui quem fala é a Mestra Alcione. Também tenho um trabalho artístico que é a Cici Floresta e o Couro Encantado e eu estou há seis anos trabalhando no Espaço Sócio Cultural da Floresta. A atividade principal lá do espaço é a Capoeira Angola, e o espaço ele se mantém de forma autônoma, eu não tenho apoio, então assim, o custeio de aluguel e todas as outras despesas é feita através de mensalidade, que meus alunos e alunas colaboram. E com isso eu consigo pagar o aluguel e manter o espaço aberto. E tem funcionado, a gente também faz muitas atividades extras para ir somando. E por vezes, algum edital também, algum apoio. E nesse sentido esse "Atreva-te a Confiar", muito bom esse nome, chegou em um ótimo momento, através do Túlio Nobre, que é meu aluno de capoeira e contra mestre do grupo e também do Grupo Candeias de Capoeira Angola. Tem sido dessa forma que a gente consegue chegar no formato importante para manutenção das atividades e também em relação ao meu trabalho, que ele possa também estar tendo esses respiros. Então sempre ajuda bastante ter esses apoios e a gente conseguir alinhar isso e colaborar junto, e isso foi muito muito importante mesmo assim esse apoio de vocês. Muito muito obrigada."*

Sobre a confiança e a importância das parcerias, assim ela nos conta: *"Eu acho que as parcerias são fundamentais para todo esse trabalho cultural e artístico, pra que ele seja desenvolvido, realmente, quando a gente consegue encontrar essas parcerias e trabalhar juntos, também pensando na questão dessa comunicação das propostas das semelhanças e das identidades. As coisas realmente tomam uma força muito maior, tantas pessoas durante essa semana foram mobilizadas e vieram pessoas de outro estado para estar aqui, para estarem treinando capoeira, então teve um intercâmbio legal também, que proporcionou isso tudo e culminou numa coincidência de ser nessa semana, mas foi confiando nisso tudo. Claro que para quem está na frente, as lideranças, a gente tem uma responsabilidade muito grande de conseguir executar os trabalhos da melhor forma possível, é uma forma também de cuidado, é de uma pedagogia ali com as pessoas que*

estão chegando e que estão participando e a gente estando ali na frente, realmente é uma responsabilidade muito grande. Também agradeço porque vocês também confiaram na gente e Graças a Deus, as forças dos orixás e as forças maiores da natureza a gente conseguiu fazer o trabalho e desenvolver tudo certo. Nesse momento, eu acho que foi super positivo e espero que para vocês também tenha sido massa e é isso!”



Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango

A Comunidade Kilombola Manzo Ngunzo Kaiango é um kilombu urbano localizado no pé da Serra do Curral, próximo ao Cafezal, maior aglomerado de BH/MG. Firmando suas raízes na região desde 1970, o Kilombu tem como base o espaço de tradição e articula suas ações por meio de suas lideranças matriarcais, atuando em frentes variadas de tensionamento das instituições públicas. A entidade promove ações de antirracismo com o intuito de solucionar problemas enfrentados e atenuar opressões estruturais e sistêmicas (racial e de gênero), com vistas à promoção da equidade, da melhoria da qualidade de vida e da defesa ambiental, para a garantia da unidade dos afrodescendentes e suas tradições cultural, social e religiosa. Atendendo cerca de 120 famílias, majoritariamente lideradas por mulheres negras, o kilombu vem promovendo ações de empoderamento, auto estima, e conscientização política e social, para essas mulheres, a partir da autonomia e territorialidade.

O principal objetivo do projeto proposto é transformar a realidade familiar por meio de capacitação profissional e geração de renda, para até 20 mulheres negras. De forma a dar a elas a oportunidade de exercer uma atividade profissional e independente, através da formação em fabricação de sabonetes naturais, produzidos com ervas cultivadas nas hortas, canteiros, além das nativas da serra do curral, para melhorar a autoestima, oportunizando a possibilidade de produzir renda com base nos conhecimentos tradicionais. Muitos dos saberes são transmitidos através da oralidade e práticas desenvolvidas e envolvidas pelo próprio território, para manutenção desse saber, o cuidado do dia a dia dessas mulheres tem se distanciado muito da prática, ora seja por perda do seu território, ora por acúmulo de trabalho fora do território. Queremos apoiar a iniciarem seu próprio negócio e iniciar uma rede de trocas baseada nos conhecimentos tradicionais das matrizes africanas, indígenas, e quilombolas, como fonte de fortalecimento.

A Oficina de Sabonetes de Ervas Medicinais se baseia em um dia de trocas sobre a importância das ervas no autocuidado, e como podem ser utilizadas para além dos banhos, temperos e incensos, além de incentivo para produção de renda.

Nas palavras de Kota Sessiluanvy: *“Boa tarde, saudações a todas! Passando aqui pra agradecer a equipe e coordenação do cordilheira por nos reconhecer e confiar. O Kilombo Manzo é uma entidade sem fins lucrativos, então, eu, Joana, Kota Sessiluanvy, agradeço em nome de todas a oportunidade e confiança de realizar essa oficina. Repasso tudo que aprendi nos encontros Lótus. A confiança é pra mim aprendizado, respeito, sabedoria, sentir segurança ao lado de uma pessoa maravilhosa e importante. Para mim minha irmã Makota Kidoiale. As ervas que usamos aprendi a colher com minha mãe, a manipular, a preparar, fazer essências com Tatinha. Hoje já me sinto segura e confiante pra seguir em frente. Atenciosamente, Kilombo Manzo. A vocês, obrigada!”*.



2 - Ações emergenciais

Apoio ao Funeral do Cacique Merong

Essa é uma história triste, mas importante de ser contada. Por tudo que o Cacique Merong fez em vida e por todo legado que nos deixa após sua morte. Nascido em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, o Cacique Merong Kamakã Mongoió liderava a comunidade Kamakã, uma das seis etnias dos povos Pataxó Hã Hã Hãe. O líder também atuava em outras ações de defesa dos territórios dos povos Kaingáng, Xokleng e Guarani. Ele, junto de seu povo, sofreu muitas violências e ameaças. Foi encontrado morto no dia 04/03/2024. A morte ainda está sendo investigada.

Nos conta Carolina de Moura: *“O (Cacique) Merong, ele estava em um território próximo de Casa Branca, no Córrego de Areia. E desde que ele chegou aqui, o nosso pessoal fez toda uma articulação de resistência, 10 anos antes do rompimento da barragem, e obviamente, a gente de luta acolheu demais a retomada, ficamos muito próximos do Merong, no movimento de construção de escolas, apoiamos nas vezes que a polícia foi lá e assim ficamos muito amigos do Merong, de vida e quando aconteceu o falecimento dele. Nós temos um grupo do movimento da Casa Branca, e ali, a coisa começou a circular, a Camila que é do grupo e advogada, esteve mais na linha de frente, da burocracia de funerária e embalsamamento. E estava faltando dinheiro para concluir o processo, especialmente para o embalsamamento, necessário para uma maior conservação do corpo e assim os parentes dele de fora, conseguirem chegar. A gente naquela loucura, tínhamos acabado de fazer uma reunião, e as meninas estavam aqui em casa, e na própria reunião de equipe, decidimos apoiar essa urgência, que foi a necessidade dos recursos para passagem do Merong.”*

Apoio às mulheres atingidas pelas enchentes no RS

Desde maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul passa por uma das maiores tragédias em decorrência das fortes chuvas, da devastação ambiental que vivemos e do descaso do poder público com as mudanças climáticas. Pelos dados oficiais da defesa civil, de 05/06/2024, são cerca de 476 municípios atingidos, 35.103 pessoas em abrigos, 575.171 desalojadas, 2.392.686 pessoas atingidas, 806 pessoas feridas, 44 pessoas desaparecidas e 172 mortes confirmadas.

Nesse contexto, decidimos fazer uma doação para uma casa de abrigo de mulheres vítimas de violência, que já funcionava antes das enchentes e tem muitas mulheres abrigadas lá. É a Casa de Mulheres Mirabal, organizada pelo Movimento de Mulheres Olga Benário, que

abriga mulheres vítimas de violência doméstica ou em vulnerabilidade social e seus filhos. A Ocupação oferece também orientação jurídica, aconselhamento psicológico e cozinha para uso pessoal e para geração de renda.

Montamos cestas com vários produtos medicinais e de auto cuidado da raizeira Tantina, de BH, para enviar para o abrigo, junto a uma carta para as mulheres. Além disso, fizemos uma doação em dinheiro para o apoio nos gastos do abrigo.

3 - Apoio a mulheres defensoras endividadas

Nesse eixo do projeto, optamos por realizar um apoio às mulheres defensoras, que fazem parte do nosso projeto e que deviam mensalidades de seus MEIs, e estavam com suas microempresas paradas porque não podiam emitir notas, algumas estavam na dívida ativa da união. Esse apoio fortaleceu muito as mulheres, que agora podem seguir com seus trabalhos de geração de renda com a emissão de notas.

4 - Fortalecimento Institucional

Aquisição de computadores para o Instituto Cordilheira

O Instituto Cordilheira realiza seus trabalhos com recursos escassos de fortalecimento institucional. Nossos equipamentos, que são os pessoais, em grande parte, tem defeitos. Lidamos com grandes corporações que tem estruturas de trabalho muito maiores. Por isso, destinamos também algum recurso para nosso fortalecimento institucional a partir da compra de notebooks.

A primeira compra se deu em um contexto emergencial, em que uma companheira, lutadora histórica pelas serras e águas ficou sem seu computador, que estragou, em meio a um processo intenso de reuniões e outras demandas que exigiam o uso de um notebook. Dessa forma, optamos por adquirir o computador e que ele seja de uso rotativo entre as integrantes do Instituto. A compra foi feita e o equipamento já está em sistema de rodízio, já tendo sido usado por outras companheiras desde a aquisição.

A segunda compra, de mais um notebook, foi um para atender a demanda de trabalho de gestão dos projetos e institucional. A outra aquisição foi para uma companheira, que é parte do Instituto Cordilheira, que estava sem computador, usava um emprestado, que foi roubado. Dessa forma, foram dois notebooks institucionais e um para doação.

Além disso, adquirimos dois HDs externos, para o armazenamento seguro e completo de nossos arquivos e documentos.

Nas palavras de Maíra Nascimento, integrante do Instituto Cordilheira, sobre a confiança: *“A confiança é como uma teia de aranha, tecida cuidadosamente, bem devagarinho e com fios finos, mas ao mesmo tempo tão fortes! E a confiança é assim. A confiança não só no processo de construção, mas também no que ela vai trazer de resultado, que é conseguir obter os frutos do seu trabalho. É acreditar no processo que, mesmo tendo sido delicada a construção e o produto, as linhas são finas, ela segura a barra! Ela segura a barra de horas e horas de trabalho.”*

5 - Considerações Finais

Encerramos o projeto *“Atreva-te a Confiar”* com a certeza de que um dos caminhos mais necessários e férteis para os processos de cooperação entre organizações, fundos, agências e coletividades em geral, é o cultivo constante da confiança! Um trabalho que se baseia em laços de confiança, é um trabalho que produz saúde e solidariedade. Em todas as nossas parcerias ao longo desse período, ouvimos repetidas vezes o quanto foi importante a liberdade de criação de cada grupo. Além disso, a maioria dos grupos conseguiu fazer mais do que o previsto inicialmente.

A realidade das coletividades de mulheres em defesa de territórios é de uma constante luta por se manterem. Muitas vezes não tem a formalização necessária para apoios maiores e, enquanto não tem, não recebem apoios que fortaleçam a própria organização. Além disso, sabemos das dificuldades de sobrevivência dessas mulheres em meio a tantas violações de direitos. Vale ainda lembrar o peso muito maior do trabalho reprodutivo que recai sobre as mulheres. São elas que cuidam do cotidiano da vida das famílias e isso também impacta na disponibilidade das mesmas para os processos coletivos. Mas, de forma surpreendente, essas coletividades se firmam e são protagonistas nas lutas em todo o país.

Foi uma alegria estar junto com a Both Ends nessa proposta. Agradecemos profundamente por tecer junto de nós uma política revolucionária de cooperação entre coletividades, baseada no afeto e na autonomia. Que sigamos cultivando e trilhando juntas esses caminhos!

Eu-Mulher (Conceição Evaristo)

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.